



Contributos das enfermeiras brasileiras na Segunda Guerra Mundial: um estudo reflexivo e atemporal

Contributions of Brazilian nurses during World War II: a reflective and timeless study

*Contribuciones de las enfermeras brasileñas durante la Segunda Guerra Mundial:
un estudio reflexivo y atemporal*

Gabriel Nivaldo Brito Constantino^{1*}

Wanderson Alves Ribeiro¹

Keila do Carmo Neves¹

Bruna Porath de Azevedo Fassarela¹

¹Universidade Iguaçu. Rio de Janeiro, Brasil.

*Autor correspondente: gnbconstantino@gmail.com

Resumo

Objetivou-se proporcionar um maior conhecimento acerca da participação desta parcela populacional em que, devido ao contexto social ao qual está inserido, não teve seu devido reconhecimento. Devido a óbices informacionais, dar-se-á ênfase em Virginia Portocarrero, a última enfermeira viva que atuou na Força Expedicionária Brasileira e que faleceu em 29 de março de 2023, como uma representação das enfermeiras febianas para que se possa tangenciar a visibilidade destas participantes da 2ª Guerra Mundial. Utilizou-se como método a revisão integrada da literatura, com o objetivo de coletar e resumir o conhecimento científico já desenvolvido sobre o tema de estudo, a fim de melhor compreender o tema apresentado com base em pesquisas anteriores. Por conta de ojerizas sociais da época provenientes do fato de serem mulheres atuando em uma área em que era de domínio masculino, não há muitas referências da participação destas enfermeiras na FEB, logo, há um déficit de estudos acerca de sua atuação. A exclusão destas profissionais do desfile em comemoração à vitória da guerra foi um fator que contribuiu para a omissão de sua participação na guerra, o que as fez terem sua participação sem o devido reconhecimento tanto no âmbito histórico, quanto social.

Descritores: Enfermeira; 2ª Guerra Mundial; Virginia Portocarrero; História da Enfermagem; Teoria de Enfermagem.



Abstract

The aim was to provide greater insight into the participation of this segment of the population, which, due to their social context, has not received due recognition. Due to informational constraints, emphasis will be placed on Virginia Portocarrero, the last living nurse who served in the Brazilian Expeditionary Force and who passed away on March 29, 2023, as a representation of FEB nurses, thus enhancing the visibility of these World War II participants. An integrated literature review was employed as a method to collect and summarize the existing scientific knowledge on the study topic, thereby enhancing understanding of the topic presented based on previous research. Due to social aversion at the time stemming from women working in a male-dominated field, there are few references to the participation of these nurses in the FEB, thus, there is a lack of studies on their work. The exclusion of these professionals from the parade celebrating the war victory was a factor that contributed to the omission of their participation in the war, which meant that their participation was not duly recognized both historically and socially.

Descriptors: Nurse; World War II; Virginia Portocarrero; History of Nursing; Nursing Theory.

Resumén

El objetivo fue comprender mejor la participación de este segmento de la población, que, debido a su contexto social, no ha recibido el reconocimiento debido. Debido a las limitaciones de información, se hará hincapié en Virginia Portocarrero, la última enfermera viva que sirvió en la Fuerza Expedicionaria Brasileña y que falleció el 29 de marzo de 2023, como representante de las enfermeras de la FEB, aumentando así la visibilidad de estas participantes de la Segunda Guerra Mundial. Se utilizó una revisión bibliográfica integrada como método para recopilar y resumir el conocimiento científico ya desarrollado sobre el tema de estudio, con el fin de comprender mejor el tema presentado con base en investigaciones previas. Debido a la aversión social de la época derivada de que las mujeres trabajaran en un campo dominado por los hombres, existen pocas referencias a la participación de estas enfermeras en la FEB, por lo que existe una falta de estudios sobre su trabajo. La exclusión de estas profesionales del desfile que celebró la victoria bélica fue un factor que contribuyó a la omisión de su participación en la guerra, lo que significó que su participación no fuera debidamente reconocida tanto histórica como socialmente.

Descriptores: Enfermera; Segunda Guerra Mundial; Virginia Portocarrero; Historia de la Enfermería; Teoría de Enfermería.

Introdução

O presente estudo visa abordar a participação do grupo pioneiro de enfermeiras que atuaram na Força Expedicionária Brasileira (FEB) por meio do Exército Brasileiro (EB) durante a 2ª Guerra Mundial (II GM). Estas profissionais ficaram conhecidas como Febianas, devido a esta atuação e, devido a serem as primeiras representantes do sexo feminino a integrar o EB, precisaram uma série de lutas para permanecerem neste âmbito que, até então, era de composição totalmente masculina¹.

Em primeira instância, para que seja tangenciado uma melhor compreensão da perspectiva em que se insere a mulher neste contexto, é necessário a compreensão do que originou o fenômeno da II GM (1939-1945). Segundo De Meneses², após a primeira guerra, a Alemanha viu-se em intensa crise, que atravessou campos políticos, econômicos, culturais e sociais, pois foi submetida pelos vencedores da primeira guerra mundial a perdas territoriais, bem como a redução de suas forças armadas^{2,3}.

Esta situação cooperou com a criação de um ressentimento intenso por grande parte da população, o que culminou na inevitável criação de um partido nacionalista. Sob este viés, o líder, Adolf Hitler, governou pautado na exaltação de ideias nacionalistas, visando perseguir os países que foram contra a Alemanha na primeira guerra. Além disso, seu governo difundiu uma perspectiva de que sua raça era superior as demais e que o país deveria tornar-se a maior nação da Europa^{3,4}.



Os alemães se recuperaram, bem como se desenvolveram, internamente, tanto no sentido econômico, quanto no sentido militar, apesar das limitações dos tratados firmados posteriormente a primeira guerra. Assim, com sua força militar recuperada e bem treinada, iniciou-se a retomada de territórios perdidos na primeira guerra, realizando os primeiros ataques aéreos, o que desestabilizou seus rivais. Rapidamente, a Alemanha ocupou militarmente a Polônia, Áustria e Checoslováquia, o que em resposta a França e Inglaterra declararam guerra à Alemanha. A guerra se disseminou mundialmente, tornando-se o que geraria a maior mortalidade humana da história derivada de alguma guerra. A rivalidade era intensa, apesar de existir a possibilidade de haver um acordo, havia apenas um objetivo: a vitória total, denominada durante a guerra como “rendição total”³⁻⁵.

A II GM aconteceu, no recorte temporal brasileiro da Era Vargas: 1930-1945, onde o Brasil é inserido após declarar guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Nesse contexto, criou-se uma força militar diferenciada, a FEB, que partiu para o campo de batalha comandada pelo General João Batista Mascarenhas de Moraes. Assim, encaminhou-se à Itália 186 profissionais de saúde, entre eles, 67 enfermeiras do Exército, sendo 61 enfermeiras hospitalares e seis especializadas em transporte aéreo⁶⁻¹⁰.

Em um primeiro momento, seria enviado apenas uma tropa exclusivamente masculina, mas devido à fadiga e à dificuldade de atender os brasileiros devido aos fatores linguísticos, as enfermeiras norte-americanas “exigiram” o engajamento de mulheres enfermeiras na FEB para atender à tropa brasileira. Deste modo, criou-se este grupamento de enfermagem em um contexto em que a figura feminina passa a enfrentar um mundo heterogêneo e caótico, convivendo com militares e mulheres estrangeiras. Deixando de ser circunscrita ao meio familiar, onde era protegido e limitado, e se tornar um meio de sustentação ao discurso oficial do governo sobre não faltar socorro àqueles cidadãos que se prontificassem a defender a Nação através do voluntariado à FEB^{1,11,12}.

Naquele contexto vigente, o EB possuía apenas cabos e sargentos, formados pela Escola de Saúde do Exército desde 1921, do sexo masculino como enfermeiros em seus quadros. Logo, para constituir este grupamento, precisou buscar apoio da diretora da Escola Anna Nery, solicitando a participação de alunas oriundas desta instituição no Serviço de Saúde da FEB. Todavia, a adesão almejada não foi efetivada, pois sua proposta não conferia às enfermeiras posto militar, assim como remuneração condizente, o que fez com que a diretoria da referida Escola não se colocasse favorável a este pleito¹.

Tal fato provocou um transtorno na organização do quadro, fazendo com que o EB abrisse voluntariado, cuja divulgação foi realizada através da imprensa da época que anunciou, com forte apelo patriótico, a possibilidade de ingresso da mulher num cenário eminentemente masculino. Após o recrutamento, havia um treinamento em que as preparava para enfrentar, não só um cenário de guerra, como todas as implicações que pudessem advir de um evento dessa natureza. Isso gerou uma mudança significativa no *habitus* das jovens, pois por meio da formação militar, tiveram a oportunidade de se apropriarem de uma forma de cultura diferenciada, haja vista que atuariam em um cenário de batalha^{1,11}.

A aparição pública das enfermeiras febianas pode ser considerada um epicentro da história das mulheres brasileiras nas forças armadas, pois elas foram as precursoras do sexo feminino a participarem regularmente dos quadros do efetivo militar desta Força e, conforme esperado, o processo de inserção daquelas mulheres ao meio militar foi bastante difícil, pois elas foram notadamente marginalizadas neste processo. Tal fato pôde-se observar em diversos relatos em que elas sofreram difamações horribéis, onde até a mulher de um militar de alta patente do Exército tachou-nos de “prostitutas que queriam ir para a guerra para fazer a vida”¹.

Na época, algumas reportagens da imprensa da época exaltaram a aparição pública das 67 enfermeiras, abordando a figura feminina como símbolo de uma Pátria-Mãe, situação esta que valorizaria simbolicamente àquelas mulheres que cuidariam dos combatentes brasileiros. A mídia, na segunda guerra, marcou presença não somente na convocação das enfermeiras para a Força Expedicionária Brasileira, mas também na divulgação de informações sobre o trabalho da tropa na Guerra e nos efeitos positivos causados na população com o recebimento das informações. Assim, uma grande visibilidade foi concedida às enfermeiras febianas - o que as personificou como “enfermeiras de guerra” -, bem como a Enfermagem. Logo, empoderaram-se em um contexto social em que havia barreiras que lhes impediam o acesso àquele mundo masculino, tornando-as um marco simbólico do rompimento dos entraves que as subjugavam, ainda que reforçando características intrínsecas à natureza feminina. Outrossim, estas mulheres possibilitaram o ingresso da Enfermagem em um campo praticamente inédito à profissão, pois estas representaram a única categoria profissional (com mulheres) a participar efetivamente nas composições das Forças Armadas no Brasil^{1,3}.

O destaque obtido pelas enfermeiras febianas por meio de sua atuação durante a II GM, evidenciou uma certa ruptura de paradigmas que, por certo, fez mover a fronteira existente entre homens e mulheres. Contudo, assim que foram desmobilizadas, essa evidência diminuiu, restringindo a expressividade desse grupo no cenário social, fazendo com que elas lutassem contra o obscurecimento de suas atuações nos hospitais de campanha durante a guerra, bem como pelo reconhecimento de sua expressão. Tal fato se deve ao embate ter promovido a mobilização de novos valores, que (re)posicionaram seus pensamentos e que (re)processaram novas tomadas de ação¹¹.

Antes que houvesse seu retorno ao Brasil, após o término da guerra, as enfermeiras foram “desligadas” das fileiras do Exército Brasileiro sem qualquer explicação, contudo, sabe-se que esta desmobilização da FEB se deve ao fato de o governo ter percebido que a nova perspectiva dos expedicionários poderia ser incompatível com a do Estado Novo, instituído por Vargas. Com a chegada dos soldados que atuaram nos campos de batalha, ocorreu, no Rio de Janeiro, um desfile em comemoração à vitória, contudo, as enfermeiras febianas não foram convidadas para serem prestigiadas, tornando evidente a exclusão devido à diferença sexual existente. Deste modo, ao terem sido desmobilizadas, as enfermeiras que compuseram a FEB foram também socialmente esquecidas, como se a presença destas não tivesse sido significativa para a campanha vitoriosa realizada pelas tropas brasileiras no solo italiano, o que dificultou o (re) conhecimento de suas atuações naquele que foi o primeiro grupo regularmente organizado de enfermeiras no Exército Brasileiro¹².

Diante do exposto, o estudo tem como objetivo refletir através da literatura sobre os contributos das enfermeiras brasileiras na 2ª Guerra Mundial sob uma perspectiva atemporal.

Metodologia

Trata-se de um estudo descritivo, qualitativo do tipo análise reflexiva, elaborado a partir revisão da literatura sobre a participação das enfermeiras na 2ª Guerra Mundial por meio da Força Expedicionária Brasileira. Para tanto, foi realizada uma revisão narrativa. Os estudos de revisão narrativa são publicações com a finalidade de descrever e discutir o estado da arte de um determinado assunto. Apesar de ser um tipo de revisão que conta com uma seleção arbitrária de artigos, é considerada essencial no debate de determinadas temáticas, ao levantar questões e colaborar para a atualização do conhecimento^{9,10}.

Desse modo, a revisão foi realizada de forma não sistemática, com busca aleatória do material no Google Acadêmico, para responder a seguinte questão: “Quais os contributos das enfermeiras na 2ª Guerra Mundial?”.

Foram selecionados e analisados artigos publicados nos últimos vinte anos, nos idiomas português e que abordassem o tema e no intuito de adquirir maior aprofundamento e aproximação com o objeto de estudo para subsidiar as reflexões. A partir de então, foi realizada uma síntese qualitativa dos trabalhos analisados e considera-se que os critérios de busca e seleção estabelecidos foram satisfatórios para atender ao objetivo deste trabalho.

Cabe mencionar que os textos em língua estrangeira foram excluídos devido o interesse em embasar o estudo com dados do panorama brasileiro e os textos incompletos, para oferecer melhor compreensão através da leitura de textos na íntegra. Por meio do procedimento de busca, foram identificadas 60 publicações com potencial para fundamentar este manuscrito. Após a avaliação dos títulos e resumos, 27 artigos foram considerados para leitura na íntegra e, contemplando os critérios de inclusão, puderam subsidiar a esta reflexão.

A apresentação das explicações e reflexões a serem tecidas se dará na forma de eixos condutores sobre o tema, advindos de interpretações da literatura e impressões reflexivas dos autores. Estas interpretações foram dirigidas pela compreensão do tema no contexto do cuidado clínico de Enfermagem subsidiado por leituras, reflexões e discussão dos autores, pautado por três temáticas: “A Enfermagem em meio à guerra”, “O recrutamento das enfermeiras brasileiras que atuaram na 2ª Guerra Mundial e seus reflexos acerca da sociedade” e “Virginia Portocarrero: uma representação de um grande legado das enfermeiras febianas”.

Resultados

Selecionou-se 27 artigos sobre os fatores estressores no processo de ensino-aprendizagem dos graduandos de medicina. Apresentado no Quadro 1 dados desses estudos de forma resumida em sequência: Título/Autor; Ano; Objetivo; Metodologia /Nível de Evidência; Principais Resultados.



Quadro 1. Distribuição dos artigos selecionados nas bases de dados de acordo com as variáveis pesquisadas. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023

Título/Autor	Ano	Objetivo	Metodologia/ Nível de evidência	Principais resultados
Morre aos 105 anos a última enfermeira da Força Expedicionária Brasileira/ CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DO EXÉRCITO	2023	Informar o falecimento da última enfermeira que ainda estava viva da Força Expedicionária Brasileira.	Pesquisa descritiva/ Nível IV	A morte de Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero marca o fim de uma geração de mulheres que, com coragem e profissionalismo, enfrentaram os horrores da guerra para cuidar dos feridos e levar conforto aos soldados brasileiros na Itália.
Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz/ BERNARDES et al.	2022	Aponta as potencialidades do Fundo Virgínia Portocarrero, da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. O acervo foi doado em vida por sua titular, enfermeira brasileira veterana da Segunda Guerra Mundial. Dessa documentação constam registros de sua formação profissional e acadêmica, e é percebida sua determinação em preservar as reminiscências do front de batalha e do período pós-guerra, numa luta simbólica pelo registro de uma história essencialmente feminina em um cenário emblematicamente masculino.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os documentos que integram o Fundo Virgínia Portocarrero revelam o universo da guerra a partir do olhar desta enfermeira. Virgínia Portocarrero representa o engajamento de uma mulher em possibilitar a construção, por meio do seu acervo, de narrativas que ressaltem o papel das mulheres brasileiras na Segunda Guerra Mundial, justamente em um contexto em que as mulheres pouco aparecem, o das guerras.
A face feminina da Segunda Guerra Mundial: Uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019)/ SOUZA	2022	Promove uma análise acerca da participação feminina na Segunda Guerra Mundial (1939- 1945), pautando essa observação e discussão nas atuações destas no esforço de guerra a partir das narrativas empreendidas pelos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019).	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A partir da argumentação e do exame desenvolvido, foi possível concluir que, mesmo com uma escassez de relatos, as mulheres dispuseram de papéis decisivos nos rumos da Segunda Guerra Mundial.
A participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial (1942-1945): Alguns apontamentos / FIDELIS	2022	Aponta e analisa as principais causas que levaram Getúlio Vargas, sob a égide do período ditatorial do <i>Estado Novo</i> , participar ativamente da <i>Segunda Guerra Mundial</i> ao lado do grupo conhecido como Aliados, com países cuja maioria possuía como modelo de governo a democracia liberal, estrutura política intensamente criticada pelo mandatário brasileiro no período.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	É possível indicar que, de fato, o Brasil foi o país latino-americano que mais se envolveu na Segunda Guerra Mundial, além de ter sido o maior beneficiado pelas ações econômicas dos EUA voltadas para o continente. Com o fim do conflito, evidenciava a forte contradição política em que Vargas estava: com um governo amplamente autoritário no Estado Novo, lutara contra os regimes totalitários para a consolidação da democracia liberal, sistema o qual o presidente fora tão crítico nesses últimos anos, mas cujo retorno parecia cada vez mais iminente no horizonte brasileiro.
Mulheres enfermeiras na Segunda Guerra Mundial/ ROQUE, BERNARDES	2022	No imperativo da guerra, as moças brasileiras foram selecionadas e rapidamente preparadas para atuarem no maior conflito armado já visto, embarcando para um país distante, desconhecido para quase a totalidade delas, sendo obrigadas a absorver, além de outras culturas, novas tecnologias para desenvolver o trabalho profissional de enfermagem, atuando com equipes norte-americanas altamente preparadas e organizadas para esse tipo de enfrentamento, tudo isso em tempo	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A sociedade brasileira da época não mediou críticas a essas moças que deixaram seus lares e o cotidiano pessoal para se inserirem na FEB, um universo eminentemente masculino. Esse dado de realidade nos permite compreender que as possibilidades atuais surgiram a partir do <i>habitus</i> e da luta empreendida no passado, quando essas pioneiras demonstraram disposição para se ajustarem ao universo militar e abriram possibilidades para a entrada futura de mulheres nas Forças Armadas em uma carreira regular. Essa trajetória acabou



		recorde. Foi um marco que abriu um espaço no campo profissional para a mulher brasileira.		por mudar fundamentalmente o destino da profissão de enfermagem e o destino político do nosso país.
O papel da mulher na Força Expedicionária Brasileira durante a 2ª Guerra Mundial/ MOTA	2020	O Brasil sustentou um período de neutralidade frente a 2ª Guerra Mundial, contudo, optou pelo apoio aos chamados aliados (EUA, França, Inglaterra, URSS) e nesse momento criou-se a Força Expedicionária Brasileira- FEB – que foi responsável por mandar enfermeiras para a Itália. Tem-se esse momento como o primeiro trabalho ativo da mulher brasileira ao que concerne as forças armadas. Diante desse contexto, esse trabalho visou discutir o papel da mulher brasileira, bem como os seus desdobramentos durante a segunda guerra.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	As enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira sobrepuseram-se ao anonimato e romperam as fronteiras e pressupostos da vida privada para serem figuras na vida pública do Brasil. Dito de outra forma, a ida das mulheres para a guerra enquanto profissão, foi uma conquista socialmente importante, uma vez que as mulheres não só saíram do espaço privado, como fizeram parte de um espaço de trabalho culturalmente reservada ao homem.
Contributo de Florence Nightingale na ascendência do cuidar em enfermagem: do contexto histórico ao cuidado contemporâneo/ ALMEIDA FLORIANO et al.	2020	Objetivou descrever as contribuições de Florence Nightingale na ótica dos estudos brasileiros.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Concluiu-se que é de grande relevância os avanços que as teorias de Florence trouxeram, dentre eles, cabe ressaltar a mudança no cuidado, se tornando amplo e principalmente tornado o ser humano parte integrante de algo além dele mesmo, integrante de um ambiente.
Florence Nightingale como tema no ensino de história da enfermagem/ SILVA et al.	2020	Elenca o conteúdo programático ministrado sobre a biografia de Florence Nightingale em Cursos de Graduação em Enfermagem e discutir sua importância para a formação da identidade profissional.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A biografia de Nightingale é tratada em todos os programas dos cursos estudados, com destaque para seus feitos na guerra da Criméia e as consequências para a profissionalização da enfermagem, também se evidencia a transdisciplinaridade a partir deste tema.
Reconhecimento a Anna Justina Ferreira Nery: Mulher e personalidade da história da enfermagem/ PERES et al.	2020	Analisar os rituais de consolidação da figura de Anna Nery como enfermeira brasileira, heroína da Guerra do Paraguai, durante a transladação de seus restos mortais à cidade de Cachoeira (BA).	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Revelam-se dois aspectos fulcrais, a legitimação de uma enfermeira heroína pelo Estado e o processo transladatório com suas interfaces e aspectos históricos, políticos, econômicos e sociais. Destaca-se a construção de um ícone feminino, cívico e herói atrelada à efervescência da discussão de gênero que contribui para forjar a identidade profissional no ensino de enfermagem.
As mulheres na Guerra do Paraguai (1864-1870): O caso da província de Mato Grosso (MT)/ CASTILHO, GARCIA	2020	Tem como objetivo evidenciar a relevância da participação das mulheres na Guerra do Paraguai (1864-1870) e na Retirada da Laguna (1867). Nesse contexto, intenta-se, também, discutir sobre a tênue história das mulheres, haja vista que, por décadas, a historiografia tradicional teve a supremacia da perspectiva masculina.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Foi notado a sutil (tênue) importância que os escritores dispensaram às mulheres que participaram no conflito. No entanto, a partir de meados do século XX, as pesquisas sobre a história das mulheres têm rastreado e pinçado pequenos detalhes, vestígios, pistas, de capital importância delas no transcurso da contenda. Por conseguinte, existe a tendência de se minorar e/ou extirpar a questão da diminuta relevância atribuída ao elemento feminino, pois, apesar das fontes escassas, saltam aos olhos as importantes atitudes, façanhas e ações das mulheres no desenrolar da Guerra do Paraguai.
Contribuições de Florence Nightingale como empreendedora social: da enfermagem moderna à contemporânea/ BACKES et al.	2020	Refletir sobre as transformações da enfermagem moderna e contemporânea bem como sobre o empreendedorismo social de Florence Nightingale.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A exposição lógico-reflexiva centra-se em dois aspectos fundamentais: 1) O legado de Florence Nightingale como empreendedora social; 2) A evolução da enfermagem brasileira: da modernidade à contemporaneidade.
Atuação da Enfermagem na saúde operacional do Exército Brasileiro/ SANTOS	2020	O presente trabalho teve como objetivo descrever a atuação da enfermagem na Saúde Operacional do Exército Brasileiro no século XXI.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem	Os profissionais de enfermagem se esforçam para conquistar seu espaço nas Forças Armadas, por meio da atuação na prestação de cuidados diretos aos enfermos, na provisão



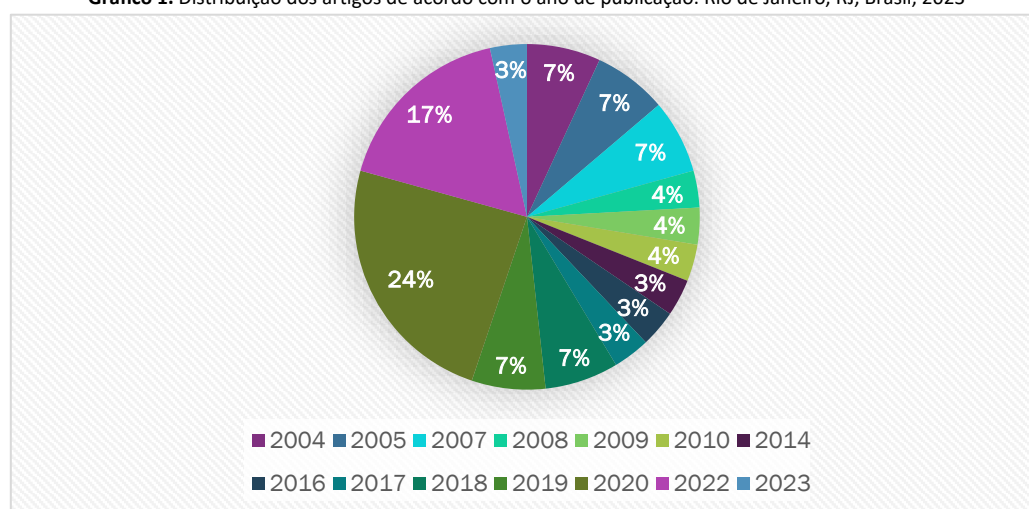
			qualitativa/ Nível IV	de recursos materiais, gerência das demandas assistenciais, avaliação e determinação de recursos humanos, contribui bastante para o Apoio de Saúde nas Operações Militares.
Trajetória da enfermeira Virgínia Maria De Niemeyer Portocarrero na Força Expedicionária Brasileira na 2ª Guerra Mundial (1943-1945)/ PORTOCARRERO	2020	Tem como objetivo abordar a trajetória da enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero no conflito da II Guerra Mundial, pelo viés de documentos iconográficos existentes no acervo oficial do fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Cultura Oswaldo Cruz da Fiocruz (COC FIOCRUZ).	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Constatou-se a trajetória de Virgínia Portocarrero durante a guerra e após, demonstrando suas realizações, com base nos documentos entregues por ela, e conquistas.
A contribuição da 2ª Guerra Mundial para a arte da guerra no âmbito do Exército Brasileiro/ ESTEVES	2019	Apresenta como a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial contribuiu para o desenvolvimento do Exército Brasileiro, elencando as melhorias que a guerra trouxe para a sua estrutura, doutrina e material relacionados ao emprego militar.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	O ingresso do Brasil na guerra, com o envio da Força Expedicionária Brasileira à Itália, foi o marco para o aprimoramento do Exército Brasileiro, pois foi fornecido subsídios durante o conflito e no período pós-guerra. Assim, através desta pesquisa, demonstrou-se que a participação do Exército na 2ª Guerra Mundial foi extremamente benéfica para a sua evolução.
Guerreiras da FEB: Um estudo sobre as dificuldades das enfermeiras brasileiras na Segunda Guerra Mundial/ NASCIMENTO	2019	Objetivou analisar a atuação das enfermeiras brasileiras no contexto da Segunda Guerra Mundial, integrantes do destacamento da Força Expedicionária Brasileira (FEB), buscando identificar as principais dificuldades encontradas por elas e verificar se foram superadas.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Concluiu-se que as enfermeiras eram importantes para as tropas brasileiras, porém, introduzi-las numa área laboral dominada pelo sexo oposto, em um contexto histórico/social patriarcal no qual a figura da mulher era deixada para segundo plano, não foi uma tarefa fácil. Muitos foram os desafios enfrentados por elas, alguns surgiram antes mesmo de sair do Brasil, outros apareceram apenas em solo europeu.
A teoria ambientalista de Florence Nightingale/ CARDOSO, GONZAGA.	2018	O objetivo geral deste trabalho foi de exibir a teoria ambiental de Florence Nightingale.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Conclui-se a importância da ação de um meio ambiente saudável no desenvolvimento da cura de um doente/ indivíduo.
A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional/ LOMBARDI, CAMPOS	2018	Tangenciar o conhecimento e a organização acerca das três principais profissões do campo da Enfermagem: enfermeiros/as de nível superior, técnicos/as em enfermagem e auxiliares de enfermagem.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Constatou-se que se que a área da enfermagem passou por dois processos fundamentais para a sua sedimentação enquanto área profissional, como esclarece Elliot Freidson: a profissionalização e a institucionalização reconhecida pelo Estado Ambos permitiram sua delimitação, demandando para si trabalhos e funções específicos e demarcando sua jurisdição sobre eles. Além disso, aqueles processos permitiram estabelecer definições de conteúdos e padrões de qualidade que passaram a ser observados pelos profissionais, fiscalizados pelos órgãos de controle e transmitidos pelas instâncias de formação.
Memórias relevantes: Discurso de enfermeiras veteranas sobre a sua luta por reinclusão no campo militar/ OLIVEIRA et al	2017	Analisar os efeitos simbólicos da luta empreendida pelas integrantes do primeiro grupamento feminino de enfermagem das Forças Armadas brasileiras para serem reincluídas no Serviço Militar Ativo do Exército, após o término de suas atividades durante a Segunda Guerra Mundial.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A pesquisa demonstrou que os discursos destas enfermeiras, que atuaram no Teatro de Operações Italiano durante a guerra (1943–1945) e que foram reincorporadas ao Exército Brasileiro em 1957, apesar de reiterarem vocações e estereótipos sobre a prática de Enfermagem, trouxeram a lume os resquícios de uma luta propriamente simbólica pela conquista inédita de espaço, poder e prestígio para a profissão nesse campo culturalmente masculinizado.

Motivação, mulheres e forças armadas: Incentivos que impulsionam mulheres a ingressarem no Exército Brasileiro	2016	Teve como objetivo analisar os motivos que levam as mulheres a ingressarem no Exército Brasileiro e relacioná-los com a Teoria da Hierarquia das Necessidades de Abraham Maslow.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os resultados obtidos evidenciam que os motivos que levaram tais mulheres entrevistadas a optarem pela profissão militar estão relacionadas à estabilidade que a profissão propicia e não ao fator “autorrealização” que esperava-se ser encontrado antes da realização da entrevista.
Os limites cronológicos da 1ª Guerra Mundial/ MENESES	2014	Objetivou-se tratar sobre o atual questionamento dos historiadores acerca dos limites cronológicos da I Guerra Mundial e a unidade do conflito, considerando a II Guerra Mundial como seu prolongamento.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Constatou-se que não parecia válido, a tese da guerra civil europeia, de 1914 a 1945. O mesmo não se pode dizer da revisão dos limites cronológicos da guerra, e da ideia de mobilização e desmobilização cultural, que muito contribuem para iluminar o período do pós-guerra e, do ponto de vista português, a singularidade da experiência nacional da Grande Guerra e dos anos que se lhe seguem.
Educação e moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial/ SIMILI, CAMACHO, PONTE	2010	Objetivou abordar a história das enfermeiras que participaram da Segunda Guerra Mundial que escreveram um importante capítulo para a história das mulheres e da enfermagem por meio da perspectiva da educação e da moda.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Na análise, relacionou-se os estilos às etapas do percurso das enfermeiras, determinando os valores, as noções, os comportamentos transmitidos por seus intermédios. Assim, criou-se um guarda-roupa histórico, com as principais tendências de uniformes nos anos de Guerra.
Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: Repercussões dessa participação/ OLIVEIRA et al.	2009	Descreve as circunstâncias da mobilização e da desmobilização das enfermeiras brasileiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial, e discutir a eficácia simbólica da participação dessas enfermeiras no campo militar.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os achados, classificados, contextualizados e analisados à luz da Teoria do Mundo Social de Pierre Bourdieu, evidenciaram que a participação de mulheres na guerra, na condição de enfermeiras militares, ao tempo em que representou a ocupação de um espaço homologado por mandatários do poder, também contribuiu para consagrar a inserção de mulheres em espaços públicos consagrados aos homens, ainda que na retaguarda.
A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo/ SANTOS, BARREIRA	2008	Analisa as implicações da questão de gênero para a profissionalização da mulher e da enfermeira na sociedade brasileira; e discutir as estratégias empreendidas pelas enfermeiras relativas à institucionalização da enfermagem no contexto de uma ditadura nos anos 30/40.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os dados evidenciaram que a profissão de enfermeira contribuiu para inserção de mulheres em espaços públicos ocupados por homens.
Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des)mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial/ OLIVEIRA, SANTOS	2007	Descreve as circunstâncias que ensejaram a mobilização e a desmobilização do primeiro grupamento feminino de enfermagem do Exército que atuou no Serviço de Saúde da Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial e analisar os efeitos simbólicos advindos da atuação deste grupamento.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Evidenciou que houve ganhos e perdas simbólicas processadas por ocasião da mobilização e da desmobilização das enfermeiras voluntárias para atuar na 2ª Guerra Mundial. Assim, dentre as lutas simbólicas travadas, as enfermeiras acabaram sofrendo os reflexos da dominação masculina orquestrada no contexto político-social do Brasil à época, o que trouxe como consequência a (re)atualização de seu <i>habitus</i> .
A reconfiguração da prática de enfermagem brasileira em meados do século 20/ BARREIRAS	2005	Analisar as práticas de enfermagem, decorrentes dos novos modelos de prestação de serviços públicos de saúde e discutir suas implicações para a profissão.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	A força de trabalho passou a ser controlada por programas governamentais de assistência médica individual. A importação de tecnologias modificou a construção, organização e funcionamento dos hospitais, a formação e o treinamento de pessoal, o tratamento de pacientes e a abordagem dos problemas de saúde pública. As enfermeiras, tendo como referências a racionalização, a eficiência e a produtividade, continuaram organizando, administrando, chefiando, treinando e supervisionando o pessoal auxiliar. A associação de classe contribuiu marcadamente para o avanço do processo de institucionalização da profissão no período.

O cotidiano das enfermeiras do Exército na Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945)/ BERNARDES	2005	Analisa os desafios cotidianos enfrentados pelas enfermeiras do Exército no Teatro de Operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os resultados evidenciaram que as enfermeiras enfrentaram os desafios do cotidiano na guerra e adaptaram-se às adversidades dos campamentos/enfermarias.
As enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira: a criação de um habitus militar na 2ª Guerra Mundial/ BERNARDES et al.	2004	Descreve os princípios/bases do processo de seleção e preparo das enfermeiras inseridas na Força Expedicionária Brasileira.	Pesquisa exploratória, descritiva de abordagem qualitativa/ Nível IV	Os resultados mostram que seu treinamento, antes de partirem para o front, consistiu em etapas distintas incluindo condicionamento físico obrigatório e preparo social exigido para que se comportassem como militares, além de preparo profissional. Em vista dos achados, tornou-se evidente o fato de que a convocação e participação das enfermeiras na 2ª Guerra Mundial aconteceu graças a uma imposição do governo dos Estados Unidos da América ao governo brasileiro, exigindo enfermeiras na força tarefa que seguiu para a Itália para cuidar dos soldados brasileiros.

De acordo com os 27 estudos selecionados, cabe mencionar que, 07 artigos foram publicados em 2020, correspondendo a 24% dos achados. Além disso, 05 artigos publicados no ano de 2022 foram selecionados, correspondendo a 17%. Nos anos de 2004, 2005, 2007, 2018 e 2019, foram selecionados 02 artigos em cada ano, correspondendo, ao todo, 35% dos estudos selecionados. Nos anos de 2008, 2009, 2010, 2014, 2016, 2017 e 2023, foram selecionados 01 estudo em cada ano, correspondendo, ao todo, 24% dos estudos utilizados como base (Gráfico 1).

Gráfico 1. Distribuição dos artigos de acordo com o ano de publicação. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2023



Discussão

Categoria 1: a Enfermagem em meio à guerra

A enfermagem originou suas práticas empíricas de mulheres que cuidavam dos doentes da família e durante muitos anos, foi realizada por sacerdotes, feitiçeiros e religiosas. Enfrentando, assim, situações difíceis, haja vista que suas atividades ainda não tinham um fundamento científico, portanto, eram exercidas de forma intuitiva e em condições inadequadas¹³.

É evidenciado que não só seus profissionais, como também sua precursora (Florence Nightingale), participaram de grandes marcos históricos, como, por exemplo, guerras. Florence foi uma personalidade ímpar na história das mulheres e ousou negar a formação para uma vida dedicada à família em contraposição ao papel masculino na sociedade da Inglaterra vitoriana, período em que viveu. Assim, ao decorrer de sua vida, foi uma figura revolucionária, avançada e permitiu um alcance mundial na profissionalização da Enfermagem, além de contribuir para sua ressignificação, fazendo-a deixar de ser pautada no empirismo e passar a utilizar os conhecimentos científicos¹³⁻¹⁵.



Florence se voluntariou, assim como as Enfermeiras que lutaram na 2ª Guerra Mundial, além de reunir outras 38 mulheres para o tratamento dos soldados feridos durante a Guerra da Criméia em 1854. Durante sua atuação neste combate, ganhou grande destaque pelos seus feitos, principalmente pela grande redução dos índices de mortalidade nos hospitais de campanha. Além disso, é válido elencar que seu desempenho na Guerra da Crimeia corroborou para que, no período do pós-guerra, ocorressem reformas nos serviços de saúde e nas forças armadas britânicas^{14,15}.

Como citado anteriormente, Nightingale foi responsável pela ressignificação da enfermagem, contudo, as consequências de seus atos não se limitaram apenas a este âmbito, uma vez que foi responsável pela quebra do preconceito que existia em torno da participação da mulher no Exército e transformou a visão da sociedade em relação à enfermagem e ao estabelecimento de uma ocupação útil para a mulher. Um de seus grandes méritos foi dar voz ao silêncio daqueles que prestavam cuidados de enfermagem, que provavelmente não percebiam a importância dos rituais que seguiam, que já indicavam uma prática profissional organizada¹³.

Após a guerra, Florence Nightingale fundou a Escola de Enfermagem “*Nightingale School for Nurses*”, dando à enfermagem o estatuto socioprofissional que lhe faltava. Esta escola era anexada ao Hospital St. Thomas, inaugurado em 24 de junho de 1860, e contava com 15 candidatas, das quais eram exigidas organização, observação e o registro durante o curso por parte de Florence. Assim, buscou-se formar enfermeiras para que fosse possível o treinamento de outras, transformando a ação do cuidado em prática fundamentada no aprendizado sistematizado¹³.

Além da grande personalidade, de caráter internacional, supracitada, tem-se, também, como figura nacional Anna Nery (AN). Viúva, com dois filhos, voluntariou-se para ir à Guerra do Paraguai, uma vez que seus filhos foram empregados nos campos de batalha por serem oficiais do Exército. Tal fato foi solicitado por ela através do envio de uma carta ao Presidente da Província da Bahia, ofertando seu apoio aos hospitais de guerra, onde desenvolveria atividades de cuidado aos feridos¹⁶.

Atualmente, é considerada a primeira enfermeira do Exército Brasileiro e do Brasil, assim, é denominada como a matriarca da enfermagem brasileira e precursora da Cruz Vermelha Brasileira. Contudo, Anna Nery possuía apenas conhecimentos herbáceos (chás medicinais), logo, na condição de voluntária, dirigiu-se ao Rio Grande do Sul, onde seria instruída com conhecimentos básicos de Enfermagem, em conjunto às irmãs de caridade da irmandade de São Vicente de Paulo¹⁷.

Anna Nery enfrentou dificuldades e preconceitos da época, especialmente àqueles em relação ao sexo feminino, contudo, não hesitou, pois bastava estar junto aos seus familiares e poder proporcionar alívio ao sofrimento daqueles que iam lutar pela pátria. Isto se deve a sua paixão humanitária, expressada na carta em que solicitou permissão para ir à guerra como enfermeira. Além de atuar nos hospitais de campanha, foi vista muitas vezes no front, onde ela se mostrava com grande aptidão para incentivar e elevar a disposição e atitude moral das tropas. Ao término da guerra, em 1870, AN retorna ao Brasil, onde foi recebida com grandes homenagens por toda a contribuição humanitária disponibilizada pela sua atuação como enfermeira no conflito paraguaio. Assim, passou a ser conhecida como “Mãe dos Brasileiros”, “Grande Irmã de Caridade Leiga” e “Heroína da Caridade” e recebeu medalha de honra das mãos do Imperador do Brasil, além de outras homenagens no Rio de Janeiro e na Bahia¹⁶.

Portanto, pode-se concluir que assim como Nightingale na Inglaterra, Anna Nery abre caminho para a formalização da Enfermagem como ciência autônoma e como profissão de utilidade pública. Tal fato se deve a desde o início ser uma profissão pensada sobre e para uma determinada concepção de feminino, em que “amor” e “cuidado ao próximo” se imbricavam e conformavam uma área de trabalho adequada a esse gênero. Além disso, ela foi associada à enfermagem moderna, na tentativa de “elevar o status social e moral da enfermeira [...] tão degradado nos séculos anteriores”¹⁸.

Além dos fatos supracitados, é válido elencar que os avanços nas diferentes áreas do conhecimento foram possíveis graças à ousadia de pessoas visionárias, isto é, que inovaram em sua forma de pensar e agir, agregando valor individual e coletivo; à audácia de pessoas que foram capazes de romper paradigmas e transcender limites e princípios institucionalizados. É neste contexto que se encontra tanto Florence Nightingale, quanto Anna Nery e as Enfermeiras que foram empregadas pela FEB, pois remontaram modelos tradicionais em sua singularidade e multidimensionalidade. Elas se diferenciaram não só pela determinação, como também pela capacidade visionária e ousadia em assumir riscos¹⁹.

Categoria 2: O recrutamento das enfermeiras brasileiras que atuaram na 2ª Guerra Mundial e seus reflexos acerca da sociedade

As manifestações acerca da inserção feminina no âmbito militar brasileiro, durante as primeiras décadas do século XX, começaram a ganhar vulto, o que foi especialmente impulsionado pelo movimento feminista e pelas demandas sociais, políticas e sanitárias da época. Contudo, tal fato só tangenciou uma maior concretude no transcorrer da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por meio da criação do Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (QERE) em 1943, que incorporou voluntárias de várias partes do país²⁰.

Neste momento, a ordem social utilizava como base para sua constituição a distinção entre os sexos, sendo mais preciso nas relações sociais de dominação, instituídas entre os gêneros. Nesse viés, cria-se uma marginalização das mulheres por meio de sua exclusão não só em locais públicos, como também de tarefas mais nobres, utilizando a justificativa da diferença biológica que a restringia ao lar e ao seu papel de procriadora. Desse modo, o trabalho feminino, no contexto dos valores sociais dominantes, se configurava exclusivamente através de serviços e ocupações adequadas à feminilidade. Portanto, as enfermeiras que participaram da guerra operaram rupturas no discurso tradicionalista e paternalista^{21,22}.

Apesar da enfermagem ser sobremaneira feminina neste momento, o Exército apenas tinha, até aquele instante, homens como enfermeiros. Contudo, ao se inserir na guerra, o Brasil foi orientado pelos americanos a enviar, juntamente com seus combatentes, seu próprio corpo de enfermeiras, não só para facilitar o entendimento entre pacientes e enfermagem, como também a sobrecarga que haveria sobre suas profissionais. Assim, pressionou-se a organização do quadro supracitado, onde seria escolhidas as voluntárias em integrá-lo⁸.

No primeiro momento, foi solicitado o apoio da diretora da Escola de Enfermagem Anna Nery, pedindo a participação de suas alunas no Serviço de Saúde da FEB, porém, não se colocou favorável a este pleito, pois não seria conferido às enfermeiras posto militar, assim como remuneração condizente. Deste modo, o QERE não se restringiu apenas a enfermeiras profissionais, pois não havia o apoio das Escolas formadoras e tais profissionais já estavam inseridas no mercado de trabalho. Logo, abriu-se o voluntariado a qualquer mulher que possuísse curso ou que estivesse prestando serviços de enfermagem em serviços de saúde^{1,22}.

Instituiu-se como critérios de seleção: ter de 18 até 36 anos; ser solteira, viúvas ou separadas; e possuir qualquer diploma de Enfermagem para a seleção. Após selecionadas, realizariam um Curso de Emergência de Enfermeiras da Reserva do Exército (CEERE) por meio de módulos de aprendizagem, que era ministrado pela Diretoria de Saúde do Exército, e compreendiam a parte teórica, a preparação física e a instrução militar. Logo, os pré-requisitos não permitiam a inserção de qualquer mulher, pois além de cumprir os critérios exigidos, deveria suportar toda a preparação desse período transitório do meio civil para o meio militar^{8,23}.

Dentre as 67 voluntárias selecionadas para atuar durante a guerra, apenas seis eram profissionais: do Rio de Janeiro, três pela Escola de Enfermagem Anna Nery, uma pela Escola de Enfermeiras da Cruz Vermelha Brasileira, uma pela Escola Profissional de Enfermeiras Alfredo Pinto, e mais uma pela Escola de Enfermagem de São Paulo. Enquanto o Curso de Samaritanas da Cruz Vermelha Brasileira, que consistia em uma espécie de supletivo de enfermagem com duração de um ano, foram incorporadas 16. A grande maioria, 42, eram voluntárias socorristas, formadas através de cursos intensivos de apenas três meses, organizados pela Cruz Vermelha Brasileira em outros Estados da federação. Não foi identificada a formação de três delas²⁰.

Assim, conforme demonstrado nos fatos acima, verifica-se que havia apenas 06 mulheres com a formação acadêmica em Enfermagem, logo, para que se pudesse proporcionar um conhecimento o mais igualitário possível as outras foram realizados estágios, durante o curso, em hospitais, sendo eles ministrados por oficiais médicos na parte teórica sob a orientação da Diretora de Saúde do Exército. Desta forma, buscou-se predispor informações a todas de modo que fossem minimamente capazes de atender a qualquer intercorrência que viesse a surgir²³.

Além disso, é válido que mais tarde, seis enfermeiras formadas pela Escola de Enfermagem Anna Nery, que receberam treinamento nos EUA, compuseram um grupo de enfermeiras da Força Aérea Brasileira (FAB) - Estas foram enviadas à Itália como oficiais de fato e de direito e em momento algum da guerra atuaram junto as 67 voluntárias empregadas pelo EB aos campos de guerra²².

A formação das febianas ocorreu de forma descentralizada, assim como buscou, de modo proposital, um treinamento igualitário a todas de modo que se obtivesse o fortalecimento do sentimento de unidade interna do grupo, bem como a homogeneização de atitudes e gesto, para que, assim, houvesse uma atuação conjunta com a equipe multiprofissional de saúde norte-americana. Segundo as enfermeiras que realizaram o curso, havia instruções

julgadas desnecessárias e outras consideradas importantes, porém, não foram priorizadas. Em suma, o estresse e a fadiga da preparação foram os primeiros obstáculos a serem superado por elas, caso desejassem demonstrar seu valor na guerra^{8,24}.

A repercussão da participação da enfermagem brasileira na segunda guerra foi evidenciada pelas manchetes dos jornais, o que aumentou consideravelmente o número de candidatas nas escolas de Enfermagem. Contudo, estes relatos, acerca da participação das enfermeiras, as retratavam apenas no aspecto profissional por um meio pujante e sem detalhar as agruras, bem como o confronto dos problemas advindos dos sofrimentos, da dor e da morte dos soldados brasileiros nos hospitais de campanha^{12,22}.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, em 1945, a FEB foi desmobilizada pelo governo enquanto ainda aguardava por seu retorno ao Brasil. Tal fato ocorreu mesmo com inúmeros elogios provenientes dos comandantes das forças armadas americanas, porém, devido à percepção de que a nova visão de mundo dos expedicionários poderia gerar consequências ao atual regime, pois seu retorno vitorioso e prestigiado ao Brasil, juntamente com sua força material e simbólica, conferiam-lhes influência sobre a estrutura política do país^{12,25}.

Ao chegarem ao Rio de Janeiro, houve a determinação de que todos os combatentes deveriam desfilar e ficariam aguardando, nos quartéis, suas dispensas e o pagamento dos soldos devidos, e então seriam dispensados, por fim. O evento ficou conhecido como “Parada da Vitória” e ocorreu pelas principais ruas da capital por entre a multidão entusiasmada em manifestações de reconhecimento ao heroísmo dos Febianos, contudo, as Enfermeiras não foram convocadas para participar de tal ato de reconhecimento, portanto, não participaram¹².

Com a exclusão das Enfermeiras Febianas do desfile, reforça-se a discrepância sexual entre os sexos relativo à ocupação dos espaços públicos, pois a diferença entre os sexos não só diferencia, mas também subordina e desiguala as mulheres em relação aos homens. Desse modo, leva-se ao entendimento de que as guerras representam um espaço e um tempo de reafirmação da diferença sexual e acrescenta-se que tal perspectiva se encontra desde os tempos mais remotos, onde há a associação de guerra a virilidade e paz a feminilidade¹².

Estas mulheres que atuaram na FEB foram deixadas em segundo plano pelo próprio Exército, mesmo tendo arriscado suas vidas, acolhido uma função pública nunca antes atribuída a mulheres brasileiras e com todo material simbólico adquirido durante o conflito. Apesar de serem incorporadas como representação da mãe-cívica – a que possui voz; impõe normas e condutas; quem aconselha; quem incorpora o discurso oficial dos deveres e da fidelidade da pátria – após a desmobilização, as febianas caíram no esquecimento não só da sociedade, como da mídia, o que fez com que não recebessem o reconhecimento merecido por todo seu trabalho^{12,23,25}.

Portanto, conclui-se que a participação de tais enfermeiras na FEB, de certa forma, alterou radicalmente as relações entre os sexos e conferiu novas práticas, representações e poderes às mulheres. Tal fato possibilitou a quebra de um pensamento voltado para as atividades que seriam “apropriadas” para mulheres, viabilizando novas perspectivas de atuação para as mesmas. Contudo, como mostrado, as mulheres são as eternas esquecidas da história das guerras, pois nestes tempos, os homens são ainda mais centralizados e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles. Assim, mostra-se a importância do estudo acerca dessas guerreiras esquecidas e sem o devido reconhecimento social^{20,22,26}.

Categoria 3: Virginia Portocarrero: uma representação de um grande legado das enfermeiras febianas

Este estudo visava, em um primeiro momento, tangenciar de forma sucinta todas as 67 enfermeiras que atuaram na 2ª Guerra Mundial, contudo, não só se constatou que há poucos estudos acerca delas, como também de seus feitos. Desse modo, optou-se por abordar de forma mais aprofundada a história de Virginia Portocarrero, a última febiana que faleceu em 29 de março de 2023, aos 105 anos²⁷. Assim, buscar-se-á, por meio desta representação, demonstrar os contributos das febianas para o contexto histórico não só da Enfermagem, como da sociedade brasileira. Em primeira instância, é oportuno lembrar que se deve defender a necessidade de se (re)construir a narrativa histórica na perspectiva feminina, o que geralmente tende a ser simbolicamente silenciado em certos cenários, práticas e contextos. Tal fato é recorrente em cenários em que os homens são ainda mais centralizados e, por conseguinte, escrevem a história, a história deles e, assim, as mulheres se tornam as eternas esquecidas da história das guerras^{26,28}.

Ainda em vida, Virginia Portocarrero doou diversas documentações, dando-se destaque para um diário que aborda tanto sua participação no conflito, quanto é demonstrado aspectos cotidianos e peculiares de sua atuação profissional na saúde naquele momento dramático da história da humanidade. Deste modo, ela buscou compartilhar



registros de uma história essencialmente feminina em um cenário emblematicamente masculino, pois, como mostrado ao discorrer deste trabalho, não só ela, como as outras febianas, tiveram a real importância dos seus papéis na guerra omitidas^{25,28}.

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero nasceu em 23 de outubro de 1917, no Rio de Janeiro. Estudou no Colégio Maria Imaculada, no Maracanã, e formou-se, em 1936, bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Pedro II. Aperfeiçoou-se em Arte Decorativa na Escola Nacional de Engenharia, no largo de São Francisco, e tornou-se desenhista e professora de desenho. Posteriormente, iniciou o Curso de Enfermeiras Samaritanas em Belém (Pará) e o concluiu no Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 1942, quando recebeu o diploma pela Cruz Vermelha Brasileira²⁸.

Com um anúncio veiculado pelo jornal O Globo, em 9 de outubro de 1943, Virgínia tomou conhecimento do voluntariado de enfermeiras para a Segunda Guerra Mundial e inscreveu-se em um curso de preparação emergencial organizado pelo Exército Brasileiro, específico para as práticas de enfermagem de guerra. Segundo a própria em uma entrevista, ela reuniu os documentos necessários para a inscrição em sigilo, pois entendia que não teria o apoio da família, caso lhe comunicasse previamente²⁸.

Quando foi publicado seu nome no jornal aconteceram as reações positivas, mas também contrárias, sobretudo por parte de sua mãe, que ficou extremamente abalada com a decisão. Ela argumentou muito fortemente que a filha não deveria ser mobilizada para a guerra e recorreu ao tio da enfermeira, que era militar de alta patente, para que Virgínia fosse reprovada na etapa do exame médico de seleção. Uma vez reprovada, o pai de Virgínia procurou saber o motivo e, ao descobrir a verdadeira razão, desfez o plano. Assim, ela continuou com o processo de adesão ao voluntariado e de preparo para as ações de enfermagem de guerra. Desse modo, Virgínia Portocarrero integrou o primeiro grupamento feminino de Enfermagem do EB, que contou com o total de 67 mulheres voluntárias oriundas de diversas partes do país. Nunca antes o Brasil havia incorporado oficialmente mulheres nas Forças Armadas, o que aconteceu por pressão dos EUA, quando o governo Vargas passou a organizar a FEB, em função das articulações de declaração de guerra e de apoio político àquele país²⁸.

Essas voluntárias pertenciam a diversas camadas sociais e possuíam distintas motivações para participar do conflito. Embora se reconheça o senso patriótico do grupo, a possibilidade de um emprego remunerado e reconhecido socialmente é um forte indicativo de ruptura com o modelo social feminino vigente na época, o que em parte pode explicar o seu alistamento voluntário. Além disso, favoreceu a aparição pública das mulheres, permitindo o avanço da conquista feminina, na medida em que propiciou a elas que fossem inscritas aos poucos na dinâmica das mudanças sociais, políticas, sanitárias e culturais do país²⁸.

Alguns meses depois, Virgínia seguiu para o front italiano, passando a compor oficialmente os quadros de efetivo do Serviço de Saúde do EB e a demonstrar novas formas de pensar e agir de algumas brasileiras na década de 1940. Com efeito, a novidade de inclusão de mulheres no campo militar vinha na contramarcha dos discursos de alguns líderes das Forças Armadas na época, que entendiam que tal medida poderia tornar declinante a representação social construída em torno do valor simbólico do militarismo no país²⁸.

Ainda no Brasil, antes de embarcar, firmou com seu pai Tito Portocarrero, que tinha visão de historiador nato, o compromisso de escrever cartas para registrar a memória de sua trajetória na 2ª GM. Esse diário de guerra prometido a seu pai, permitiu registros históricos fundamentais sobre o cenário da guerra, hoje depositado no acervo da Casa de Oswaldo Cruz na FIOCRUZ²⁹.

Virgínia remetia para o seu pai escritos cotidianos como folhas de seu diário. Estas seguiam nas mãos dos feridos na Guerra encaminhados para o Brasil. Desta forma, poderia “driblar” a censura imposta à época para as correspondências enviadas pelo serviço de correio da FEB e, assim, pai e filha se correspondiam e preservavam essa importante memória. Segundo Virgínia, “[...] quando algum ferido baixado na enfermaria era evacuado para o Hospital Central do Exército – o HCE – no Brasil, eu entregava as páginas a ele, e informava ao papai, por carta, para procurar fulano de tal no hospital, e papai ia lá buscar”²⁹.

O trabalho empreendido pelas enfermeiras da FEB no cotidiano de operações de guerra incluiu diversas situações complexas, desde o cuidado emergencial a pacientes críticos a mudanças de lugar dos hospitais de campanha, posto que a 2ª Guerra Mundial produziu diversas mobilidades geográficas em função das estratégias bélicas, e o Serviço de Saúde acompanhava tais mobilidades das tropas²⁸.

Com o término do conflito, Virgínia Portocarrero retornou ao Brasil em 11 de julho de 1945 e foi desligada pelo EB. Ao retornar a vida civil, foi transferida do Instituto do Mate, onde trabalhava antes de se alistar, para o

Ministério da Educação, passando a trabalhar no Departamento de Saúde Escolar, onde ficou responsável pelo Setor de Estatística. Tal fato gerou grande insatisfação e frustração, como se pode constatar em seu diário, que expressa tristeza e descontentamento pela falta de reconhecimento ao trabalho executado no decorrer da guerra, demonstrando o desinteresse de lideranças do EB na época em manter em seus quadros oficiais do sexo feminino em tempo de paz²⁸.

Em 25 de agosto de 1950, foi implementada a Lei 1.209 em que houve sua inclusão na Reserva do Exército e dita, em seu parágrafo único, que as enfermeiras que fizessem jus aos benefícios daquele artigo teriam direito a receber os vencimentos dos postos em que foram arvoradas desde a data da mobilização até a sua desmobilização. Em 1º de junho de 1957, houve a promulgação da lei federal nº 3.160, em que tornava as enfermeiras que atuaram na guerra por meio da FEB as primeiras enfermeiras militares do país oficialmente mobilizadas em tempo de paz, no Posto de segundo tenente. Assim, passaram a gozar dos direitos e vantagens inerentes aos oficiais da ativa^{28,29}.

A partir dessa lei, que foi publicada 12 anos após o término da Segunda Guerra Mundial, Virgínia Portocarrero e outras 43 enfermeiras veteranas foram reincluídas no serviço ativo do EB, quando passaram a atuar como oficiais em diversas organizações militares do país. As outras 23 não se apresentaram ou já estavam reformadas por incapacidade adquirida na guerra²⁸.

Na ocasião, Virgínia passou a servir na Policlínica Central do Exército (atual Policlínica Militar do Rio de Janeiro), no Centro da cidade do Rio de Janeiro, até sua passagem para a reserva remunerada (aposentadoria), quando foi reformada no posto de capitão. Ela também participou ativamente da Associação de Veteranos da FEB, na qualidade de membro nato do Conselho Deliberativo, e como administradora do Mausoléu e do Ossuário dos Veteranos da FEB, nos cemitérios do Caju e de São João Batista²⁸.

Dentre as diversas homenagens a enfermeira, destaca-se a condecoração com a medalha de Campanha concedida pela FEB em outubro de 1945, por ter participado de operações de guerra na Itália, sem nota desabonadora. Em 1946, recebeu a medalha de Guerra concedida pelo EB, por ter cooperado no esforço de guerra do Brasil. Em 2017, recebeu a medalha do Pacificador pelo EB, e, em abril de 2018, foi homenageada em cerimônia no Monumento Nacional aos Mortos da 2ª GM, no Rio de Janeiro, por ocasião das comemorações de seu centenário de vida, quando foi agraciada pela Casa da FEB com a medalha Serviço de Saúde, e também pelo Colégio Pedro II, recebendo o título de Aluna Emérita²⁸.

Sua importância para o campo da enfermagem brasileira foi reiterada por meio do recebimento da medalha da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Em junho de 2018, recebeu o prêmio Anna Nery, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e, em 6 de dezembro de 2019, Virgínia recebeu, da Academia Brasileira de Medicina Militar, a medalha Marechal Marques Porto²⁸. Em suma, Virgínia Portocarreiro pode ser considerada um grande marco não só para a Enfermagem, por ser uma das precursoras a exercer a profissão no âmbito militar, como para as mulheres no geral, uma vez que foi contra os estereótipos sociais e viabilizou uma perspectiva ampliada acerca das áreas de atuação da mulher. Assim, pode-se dizer que ela era uma mulher à frente do seu tempo e escolheu o caminho da determinação, da bondade e do amor ao próximo. Atuou para o bem dos que estavam em sofrimento, superou suas dores e compartilhou afeto²⁹.

Conclusão

Em síntese, nota-se ao transcorrer deste trabalho que há um descuido imerecido acerca da memória das combatentes femininas, assim como dos seus respectivos significados, o que mostra a perspectiva irrelevante sobre suas presenças e ação. Tal situação foi perceptível durante a busca de outros artigos que tangenciassem a temática aqui tratada para a confecção deste, contudo, há referências quase irrisórias em relação a tamanha importância que essas 67 mulheres tiveram no contexto da 2ª Guerra Mundial.

Deste modo, buscou-se utilizar Virgínia Portocarrero como uma representação de todas as nobres, e bravas, enfermeiras. Cada uma delas teve sua contribuição, bem como importância, porém, como supracitado, devido à falta de informações, descrever seus respectivos feitos se tornou inviável. E, como demonstrado, todas elas são referências tanto para a Enfermagem, que teve a inserção de seus integrantes femininos no âmbito das forças armadas, quanto para as mulheres, que obtiveram uma perspectiva de atuação ampliada devido a coragem desse grupo em ir contra os princípios patriarcais no contexto em que estavam inseridas.

Além disso, pode-se considerar que Virginia foi uma importante figura na luta pela visibilidade das febianas, pois cedeu documentações, confeccionados por ela durante a guerra, que permitiram uma maior percepção acerca das suas ações e experiências naquele período tão crítico e sensível. Assim, viabilizou-se, de certa forma, a “parte na história” que é dessas enfermeiras febianas que, injustamente, foram esquecidas pela sociedade.

Assim, pode-se reafirmar a premissa mostrada em algumas partes do desenvolvimento deste trabalho: Histórias em que o homem é ainda mais centralizado, tendem a ter a participação feminina silenciada. Logo, deve-se propagar ainda mais a participação desse grupo minoritário, mas de grande valor não só para a Enfermagem, mas também para as mulheres, por meio de novos estudos, bem como partilhando a sua história de atuação na guerra para os futuros enfermeiros, haja vista que se pode considerar este fato um marco para a inclusão de mulheres no Exército Brasileiro.

Referências

1. Oliveira AB, Santos TC, Barreira IA, Lopes GT, Almeida Filho AJ, Amorim WM. Enfermeiras brasileiras na retaguarda da Segunda Guerra Mundial: repercussões dessa participação. *Texto Contexto Enferm.* 2009;18(4):688-96. doi:10.1590/S0104-07072009000400006
2. Meneses FR. Os limites cronológicos da I Guerra Mundial. *Relac Int.* 2014;(42):21-34. Available from: https://ipri.unl.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/ri42/n42a03.pdf
3. Mota LPC. O papel da mulher na Força Expedicionária Brasileira durante a segunda guerra mundial [Internet]. 2020 [cited 2023 Apr 1]. Available from: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5505/3/MONO_LOUISE_CFO.pdf
4. Esteves MP. A contribuição da segunda guerra mundial para a arte da guerra no âmbito do Exército Brasileiro [Internet]. 2019 [cited 2023 Apr 20]. Available from: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/6047/1/6396.pdf>
5. Fidelis T. A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942-1945): alguns apontamentos. *Rev Maracanan.* 2022;(30):276-90. doi:10.12957/revmar.2022.64710
6. Bernardes MMR, Lopes GT, Santos TC. O cotidiano das enfermeiras do exército na força expedicionária brasileira (FEB) no teatro de operações da 2ª Guerra Mundial, na Itália (1942-1945). *Rev Lat Am Enfermagem.* 2005;13(3):314-21. doi:10.1590/S0104-11692005000300004
7. Roque DM, Bernardes MR. Mulheres enfermeiras na Segunda Guerra Mundial. *Rev Exército Bras.* 2022;158(3):[page range]. Available from: <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/REB/article/view/11239>
8. Nascimento AE. Guerreiras da FEB: um estudo sobre as dificuldades das enfermeiras brasileiras na segunda guerra mundial [Internet]. 2019 [cited 2023 Apr 1]. Available from: <https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/5605/1/6320.pdf>
9. Rother ET. Revisión sistemática X Revisión narrativa. *Acta Paul Enferm.* 2007;20:v-vi. doi:10.1590/S0103-21002007000200001
10. Bernardo WM, Nobre MRC, Jatene FB. Evidence based clinical practice: part II-searching evidence databases. *Rev Assoc Med Bras.* 2004;50(1):104-8. doi:10.1590/S0104-42302004000100045
11. Bernardes MMR, Lopes GT, Santos TC. As enfermeiras na Força Expedicionária Brasileira: a criação de um habitus militar na 2ª Guerra Mundial. *Esc Anna Nery.* 2004;8(3):370-7. doi:10.1590/S1414-81452004000300007
12. Oliveira AB, Santos TC. Entre ganhos e perdas simbólicas: A (des) mobilização das enfermeiras que atuaram na Segunda Guerra Mundial. *Esc Anna Nery.* 2007;11(3):423-8. doi:10.1590/S1414-81452007000300007
13. Floriano AA, Franco AA, Souza AB, Carvalho BL, Guinancio JC, Sousa JG, et al. Contributo de Florence Nightingale na ascendência do cuidar em enfermagem: do contexto histórico ao cuidado contemporâneo. *Res Soc Dev.* 2020;9(7):e701974623. doi:10.33448/rsd-v9i7.4623
14. Borson LAMG, Cardoso MS, Gonzaga MFN. A teoria ambientalista de Florence Nightingale [Internet]. 2018 [cited 2023 Apr 7]. Available from: https://portal.unisepe.com.br/unifia/wp-content/uploads/sites/10001/2018/12/0105_A-TEORIA-AMBIENTALISTA-DE-FLORENCE-NIGHTINGALE.pdf
15. Silva ATMF, Cabral ES, Batalha MC, Aperibense PGG. Florence Nightingale como tema no ensino de história da enfermagem [Internet]. 2020 [cited 2023 Apr 7]. Available from: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/especial/a2.pdf>
16. Peres MAA, Aperibense PGG, Bellaguarda MLR, Almeida DB, Santos FBO, Luchesi LB. Reconhecimento a Anna Justina Ferreira Nery: mulher e personalidade da história da enfermagem. *Esc Anna Nery.* 2020;25:e20200047. doi:10.1590/2177-9465-ean-2020-0047
17. Castilho MA, Garcia AC. As mulheres na Guerra do Paraguai (1864-1870): o caso da Província de Mato Grosso (MT). *Rev Hist UEG.* 2020;9(2):e922017. doi:10.18224/revs.2020v9n2.e922017
18. Lombardi MR, Campos VP. A enfermagem no Brasil e os contornos de gênero, raça/cor e classe social na formação do campo profissional. *Rev ABET.* 2018;17(1):28-46. doi:10.22478/ufpb.1676-4439.2018v17n1.41191
19. Backes DS, Toson MJ, Ben LWD, Erdmann AL. Contribuições de florence nightingale como empreendedora social: da enfermagem moderna à contemporânea. *Rev Bras Enferm.* 2020;73(suppl 5):e20190849. doi:10.1590/0034-7167-2019-0849
20. Oliveira AB, Bernardes MMR, Kneodler TDS, Lourenço MBC. Memórias reveladas: discursos de enfermeiras veteranas sobre a sua luta por reinclusão no campo militar. *Texto Contexto Enferm.* 2017;26(4):e3230016. doi:10.1590/0104-07072017003230016
21. Santos TC, Barreira IA. A mulher e a enfermeira na nova ordem social do Estado Novo. *Texto Contexto Enferm.* 2008;17(3):587-93. doi:10.1590/S0104-07072008000300019
22. Barreira IA. A reconfiguração da prática da enfermagem brasileira em meados do século 20. *Texto Contexto Enferm.* 2005;14(4):480-7. doi:10.1590/S0104-07072005000400002



23. Simili IG, Camacho P, Ponte P. Educação e Moda: Uniformes de Enfermagem na Segunda Guerra Mundial. *ModaPalavra*. 2010;(6):80-102. doi:10.5965/1982615x06162010080
24. Santos ASS. Atuação da enfermagem na saúde operacional do Exército Brasileiro [Internet]. 2020 [cited 2023 Apr 5]. Available from: https://bdex.eb.mil.br/jspui/bitstream/123456789/4947/1/MONO_%20ADAILTON_CFO.pdf
25. Massaue EMSP. Motivação, mulheres e forças armadas: incentivos que impulsionam mulheres a ingressarem no exército brasileiro [Internet]. 2016 [cited 2023 Apr 6]. Available from: <https://repositorio.unipampa.edu.br/handle/riu/1145>
26. Souza JO. A face feminina da Segunda Guerra Mundial: uma análise das atuações das mulheres no esforço de guerra a partir dos filmes O leitor (2008), As mães do Terceiro Reich (2012), A batalha de Sevastopol (2015) e As espiãs de Churchill (2019) [Internet]. 2022 [cited 2023 Apr 2]. Available from: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/16037>
27. Centro de Comunicação Social do Exército. Morre aos 105 anos a última enfermeira da força expedicionária brasileira [Internet]. Exército Brasileiro. 2023 [cited 2023 Apr 7]. Available from: https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/znUQcGfQ6N3x/content/id/16565503
28. Bernardes MMR, Kaminitz SHC, Maciel LR, Almeida ABS, Oliveira AB, Porto FR. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. *Hist Cienc Saude Manguinhos*. 2022;29:531-50. doi:10.1590/S0104-59702022000200006
29. Portocarrero RMCA. Trajetória da enfermeira Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero na Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial (1943-1945). *Pesq Educ Dist*. 2020;(7). Available from: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=2013EAD1&page=article&op=viewArticle&path%5B%5D=8647>

